



CORRESPONDE

A REVISTA DAS PROMOTORAS E CORRESPONDENTES NO PAÍS



**Modelo brasileiro
de correspondentes
antecipa tendência
mundial**



Contrastes se evidenciam com a crise

Enquanto setores como o automotivo e imobiliário registram quedas expressivas nas vendas, o sistema de consórcios mantém crescimento, especialmente nesses segmentos, entre outros

Dados divulgados em fevereiro pela Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac) mostram que o sistema de consórcios registrou crescimento de 13,9% em 2015 na comparação com o ano anterior, mostrando desempenho surpreendente diante do que vem ocorrendo com outros segmentos e a própria macroeconomia brasileira.

Em dezembro, o volume de negócios foi de R\$ 89,61 bilhões contra os R\$ 78,68 bilhões de 2014, ou seja, o setor manteve-se na contramão da economia durante os doze meses do ano passado. "Ao demonstrar maturidade para enfrentar a crise econômica – apesar do aumento nos índices de desemprego –, depois de rever e ajustar seus orçamentos mensais, parcela significativa dos consumi-

dores continuou assumindo compromissos financeiros mais coerentes com o momento, sempre levando em conta disponibilidade e responsabilidade de consumo", explica Paulo Roberto Rossi, presidente executivo da Abac.

De janeiro a dezembro de 2015, o acumulado das novas adesões atingiu 2,40 milhões, 2,1% a mais que os 2,35 milhões registrados no mesmo período do ano anterior. Pesquisa realizada pela Quorum Brasil/Abac, mostrou que uma das principais características que viabilizaram a entrada de novos consorciados no sistema foi o planejamento.

Segundo a associação, com 7,17 milhões de consorciados ativos contabilizados no fechamento do balanço anual, 1,4% mais que em dezembro de 2014, o sistema de consórcios confirmou que pode ser boa opção para os



Paulo Roberto Rossi, presidente executivo da Abac

que desejem manter sua qualidade de vida, adquirindo bens ou contratando serviços, sem endividamentos de longo prazo. Devido à insegurança no emprego e às indefinições político-econômicas, 2016 será um ano em que o consumidor procurará avaliar cuidadosamente como poderá concretizar seus objetivos, sem comprometer seus ganhos, ao assumir dívidas mais longas.

“Com uma boa dose de otimismo, se houver uma rápida implementação de soluções por parte das autoridades governamentais que revertam essa tendência, há possibilidade de chegar ao final de 2016 com um pequeno crescimento”, avalia Rossi.

Contrastes acentuados

Ao disponibilizar mais de R\$ 40 bilhões em créditos para os consumidores, o sistema terminou 2015 gerando negócios para os diversos elos da cadeia produtiva. Além dos consórcios de serviços, os destaques foram para os de veículos leves e pesados e consórcios imobiliários, justamente os dois segmentos que mais têm sofrido com a crise.

Nesse ano, os consórcios de serviços, a mais recente modalidade entre todas, registraram

acréscimo de 13,9%, com venda de 11,2 mil novas cotas ante 9,83 mil registrados em 2014. Já o setor de veículos leves houve alta de 11,1% na venda de cotas, chegando a 998,2 mil ante os 898,5 mil anteriores, e no imobiliário chegou a 251,2 mil adesões, com crescimento de 41,7% na venda de novas cotas ante os resultados do ano anterior.

Veículos e imóveis sofrem mais

O desempenho altamente positivo do mercado de consórcios, especialmente nos segmentos automotivo e de imóveis, não é acompanhado pelas vendas no país. Muito pelo contrário.

Pesquisa da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) mostra que o setor vem enfrentando uma das piores crises de sua história. Só em janeiro deste ano a comercialização de veículos novos caiu 31,4%, na comparação com dezembro do ano anterior. Foram comercializados 253.807 veículos, ante as 370.018 unidades no último mês de 2014.

Os dados da entidade mostram que, no bimestre, os negócios estão 31,3% inferiores aos dos dois primeiros meses de 2015, com 302,1 mil veículos vendidos, também o mais baixo volume para o período em nove anos.

Já os dados da associação nacional dos fabricantes de veículos (Anfavea), divulgados no início de abril, revelam queda de 27,8% nas vendas no primeiro trimestre de 2016, em comparação com o mesmo período do ano passado.

Esses resultados confirmam o agravamento da crise no setor devido à conjuntura econômica do Brasil. Alarico Assumpção Júnior, presidente da Fenabrave, avalia, no entanto, que “apesar desse resultado inicial, as perspectivas apontam para certa acomodação do mercado, o que fez a federação projetar para 2016 queda de 5,2% nos emplacamentos de todos os segmentos automotivos somados”.

Crédito imobiliário deve recuar mais de 20,6%

No crédito imobiliário a situação não é muito diferente, dado que o setor também enfrentou diversas quedas nas vendas ao longo de 2015. As estimativas da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip) preveem que o volume de empréstimos para aquisição e construção de imóveis com recursos da poupança deve encolher 20,6% neste ano, para um patamar de R\$ 60 bilhões.

“As projeções indicam que 2016 será um ano igualmente desafiador sob o ponto de vista econômico. Comprar imóvel demanda confiança e o Brasil passa por uma crise de confiança e todos os setores estão sentido. A indústria da construção civil sofre mais, pois precisa de muito mais crédito e confiança”, avaliou Gilberto Duarte de Abreu, presidente da entidade. Segundo ele, o aumento da inflação e dos juros e a maior taxa de desemprego, acompanhada da queda do rendimento da população são os fatores que pesaram para o mau desempenho do setor no ano passado.

Nesse contexto de contenção de gastos, o crédito imobiliário com recursos de poupança desabou 33% no ano passado, totalizando R\$ 75,6 bilhões em relação a 2014. O número de imóveis financiados chegou a 341,5 mil unidades, revelando queda de 36,6%, na mesma base de comparação.

“Tivemos uma retração importante com menor número de lançamentos. A crise econômica de fato afetou o consumidor, mas ainda foi possível alcançar um nível de atividade relativamente alto. O mercado imobiliário passa por um momento de ajustes que vai continuar em 2016 para que alcance um novo patamar, readequando-se ao nível atual da demanda da população”, destacou Duarte.



Alarico Assumpção Júnior,
presidente da Fenabrave



Gilberto Duarte de Abreu,
presidente da Abecip